

Nas bancas

Para medir a dor do bebê na UTI

Enfermeira traduz e adapta escala que pode atenuar desconforto de crianças

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

É sabido que os recém-nascidos internados em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal são submetidos a muitos procedimentos e tratamentos considerados invasivos, dolorosos e estressantes. O problema é que eles não podem, muitas vezes, nem mesmo chorar, por estarem entubados. Foi pensando nisso que a enfermeira Flávia de Souza Barbosa Dias traduziu para o Português e validou para a população brasileira a única escala específica no mundo para se medir corretamente a dor prolongada nos bebês e que pode ser utilizada em qualquer unidade neonatal no país. “Desta forma, é possível determinar um tratamento adequado para amenizar o desconforto do recém-nascido, que já sofre por estar internado em uma UTI”, declara a enfermeira que apresentou dissertação de mestrado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM), com orientação do professor Sérgio Tadeu Martins Marba.

De acordo com Flávia Dias, este tipo de dor prolongada ocorre depois de procedimentos cirúrgicos, quando há infecções ou doenças crônicas e em procedimentos repetitivos como, por exemplo, picadas de agulhas. Fazer uma avaliação acurada era uma das principais dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde que atuam na área de neonatologia. Ela afirma que, por muito tempo, o assunto foi deixado de lado por diversos fatores. “Até a década de 1970, por exemplo, algumas cirurgias eram realizadas nos recém-nascidos sem analgesia”, lembra.



Foto: Antoninho Perri

Bebê em UTI neonatal: método pode indicar tratamento adequado para recém-nascido

A própria escala traduzida pela enfermeira é um caso da pouca atenção em termos de estudos. Denominada *Echelle Douleur Inconfort Nouveau-Né* (EDIN), ela foi publicada somente em 2001 na França, ainda que os primeiros estudos tivessem iniciado em 1994.

Depois da tradução, Flávia aplicou a escala em 107 bebês internados na UTI do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti

– Caism Unicamp e no Hospital Estadual de Sumaré Dr. Leandro Franceschini. Basicamente, o teste consiste em atribuir pontuação de zero a três em cinco indicadores de comportamento. Os parâmetros avaliam os aspectos da face, os movimentos do corpo, o padrão de sono do bebê, o relacionamento ou como o recém-nascido reage a estímulos e o grau em que ele consegue ser consolado

– neste último caso é preciso aferir se o bebê se acalma facilmente ou não. Ao final, são somados os pontos totais dos cinco itens, que chegam até 15. “Se o valor total somar mais do que seis, indica que o bebê está sentindo uma dor prolongada”, explica.

Para garantir a confiabilidade da escala traduzida, a enfermeira realizou as análises baseadas na observação feita por dois profissionais que aplicaram a escala simultaneamente durante quatro horas, sendo que um não sabia o resultado do outro. Assim, ela pôde constatar as semelhanças nos resultados finais e concluir se tratar de um instrumento válido e confiável. “Localizar a dor ou aferir a sua intensidade é algo subjetivo até mesmo para os adultos, por isso, a validação desta forma é importante para ter o olhar de dois profissionais”, esclarece. Além deste, foram feitos outros dois testes estatísticos para analisar o peso dos cinco itens da escala e para comparar os resultados com os obtidos por outra escala existente para avaliar a dor aguda nos recém-nascidos.

Publicação

Dissertação: “Tradução, adaptação cultural e validação de EDIN – *Echelle Douleur Inconfort Nouveau-Né* – para a Língua Portuguesa do Brasil”

Autor: Flávia de Souza Barbosa Dias

Orientador: Sérgio Tadeu Martins Marba

Unidade: Faculdade de Ciências Médicas (FCM)

Financiamento: Capes

Para o professor não perder a voz

Fonoaudióloga desenvolve e testa programa de saúde vocal voltado para docentes

A fonoaudióloga Raquel Aparecida Pizolato desenvolveu e testou um Programa de Saúde Vocal voltado para professores, especialmente da rede pública. A iniciativa, de caráter educativo, consiste em oferecer palestras com orientações e medidas preventivas que podem melhorar e evitar o desgaste da voz. “Sabemos que o professor tem uma rotina sobrecarregada, principalmente quando precisa dar aulas em mais de duas escolas na semana. Por isso, a proposta é, justamente, auxiliar no cuidado com a voz, um dos principais instrumentos que ele possui”, defende. A necessidade de um profissional especializado que atue de forma a prevenir as disfonias ocupacionais destes profissionais foi o que motivou a fonoaudióloga a desenvolver o programa.

A proposta de Raquel Pizolato, em sua tese de doutorado apresentada na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), com orientação do professor Antonio Carlos Pereira, poderia perfeitamente ser implementada nas escolas públicas com benefícios significativos para a qualidade da voz do professor. Consiste em encontros intercalados a cada 15 dias, com sessões de 30 minutos. “Orientações básicas sobre hábitos de higiene vocal e treinamento de exercícios específicos são medidas preventivas que podem amenizar os sintomas de cansaço vocal e outros ligados ao uso excessivo do emprego da fala”, comenta.

Para a pesquisa, a fonoaudióloga avaliou 102 professores de 11 escolas da rede pública de Piracicaba, mas somente 36 professores participaram das atividades completas do programa educativo. “No período de três meses já foram obtidos resultados bastante positivos na qualidade da voz e na melhora nos aspectos preventivos. Por isso, acredito que um programa contínuo seria o ideal para que os resultados fossem ainda melhores”, defende. Foram realizadas cinco palestras, sendo que em uma delas foi abordado o funcionamento da voz e a importância de se manter hábitos de higiene vocal. Nos outros quatro encontros, foram apresentados exercícios específicos para a voz



Fotos: Antonio Scarpinetti

Professora em sala de aula da rede pública de ensino: ações simples para poupar a voz podem fazer a diferença

A fonoaudióloga Raquel Aparecida Pizolato, autora da tese: resultados positivos

como postura e relaxamento cervical, respiração, fonação, intensidade e frequência da voz, ressonância e articulação.

Durante as sessões, os professores foram orientados a praticar os exercícios na sua rotina de trabalho durante 10 a 15 minutos duas vezes ao dia, além, é claro, de mudar os hábitos, um dos aspectos imprescindíveis para que o resultado seja efetivo. De acordo com Raquel, são ações simples que fazem muita diferença tanto no presente como no futuro, mas que são necessárias para não cair no esquecimento ou deixar de serem feitas por desconhecimento.

Algo que chamou a atenção da fonoau-

dióloga na pesquisa foi que o grupo avaliado apresentou intensidade vocal acima do padrão de limite considerado normal. “Os professores acabam incorporando um hábito de falar em uma intensidade forte devido às condições de trabalho. O falar com competição sonora na presença de ruído leva-o a pronunciar as palavras em intensidade forte”, analisa.

Segundo Raquel, já existe aprovado pela Câmara dos Deputados um projeto de lei (PLC 11/09) que autoriza o Executivo a instituir o Programa Nacional de Saúde Vocal do Professor nas redes públicas de ensino. O programa prevê a capacitação dos professores, a cada seis meses, por meio de treinamentos teóricos e

Hábitos que devem ser desenvolvidos pelos professores

- Ingerir pequenos goles de água durante a rotina
- Evitar gritar e falar com competição sonora
- Evitar uso de sprays e pastilhas
- Postura corporal alinhada ao corpo de forma a não sobrecarregar os músculos cervicais

práticos, ministrados por fonoaudiólogos com experiência comprovada na área. O objetivo seria orientar e habilitar os profissionais quanto ao uso profissional da voz e aos cuidados com a saúde vocal, além de exames específicos de rotina. “No entanto, a prática da instalação definitiva do programa ainda não está em vigor na maior parte do Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, o que poderia ser de grande importância para a prevenção dos problemas da voz nesta categoria”, relata. (R.C.S.)

Publicação

Tese: “Programa de saúde vocal para o professor: avaliação, auto-percepção vocal e ação educativa da voz”

Autor: Raquel Aparecida Pizolato

Orientador: Antonio Carlos Pereira

Unidade: Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP)

Financiamento: Fapesp